

Renato de Oliveira Brito  
Organizador

# INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E SUPERIOR: DESAFIOS, PERSPECTIVAS E EXPERIÊNCIAS



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Universidade  
Católica de Brasília

Cátedra UNESCO de Juventude,  
Educação e Sociedade



INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E SUPERIOR  
Desafios - Perspectivas - Experiências



RENATO DE OLIVEIRA BRITO  
(Organizador)

# INTERNACIONALIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA E SUPERIOR

Desafios - Perspectivas - Experiências



Organização  
das Nações Unidas  
para a Educação,  
a Ciência e a Cultura



Cátedra UNESCO de Juventude,  
Educação e Sociedade

Brasília, DF  
2020

É proibida a reprodução total ou parcial desta publicação, por quaisquer meios, sem autorização prévia, por escrito, da Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade.

*The authors are responsible for the choice and presentation of information contained in this book as well as for the opinions expressed therein, which are not necessarily those of UNESCO and do not commit the Organization.*

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1999, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Coleção Juventude, Educação e Sociedade

Comitê Editorial

*Geraldo Caliman (Coordenador), Célvio da Cunha, Carlos Ângelo de Meneses Souza, Florence Marie Dravet, Luiz Síveres, Renato de Oliveira Brito.*

Conselho Editorial Consultivo

*Maria Teresa Prieto (México), Bernhard Fichtner (Alemanha), Roberto Silva (USP), Azucena Ochoa Cervantes (México), Cristina Costa Lobo (Portugal).*

Revisão: *Renato Thiel*

Capa: *Marcos Felipe Bispo Alves*

Projeto gráfico / Impressão: *Cidade Gráfica e Editora Ltda.*

---

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

---

I61

INTERNACIONALIZAÇÃO da educação básica e superior: desafios, perspectivas, experiências / Renato de Oliveira Brito, Organizador -- Brasília: Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade; Universidade Católica de Brasília, 2020.

348 p.; 24 cm.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-87522-01-2

1. Educação 2. Educação Básica 3. Ensino 4. Diversidade Educacional 5. Educação - Inovação tecnológica 6. Educação - Inclusão 7. Educação - Internacionalização  
I. Brito, Renato de Oliveira II. Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura III. Título

CDU: 37.014.24

---

Elaborado por Charlene Cardoso Cruz – CRB -1/2909

**Cátedra Unesco de Juventude, Educação e Sociedade**

Universidade Católica de Brasília Campus I  
QS 07, Lote 1, EPCT, Águas Claras 71906-700  
Taguatinga – DF / Fone: (61) 3356-9601  
catedraucb@gmail.com

## DEDICATÓRIA

Aos meus entes queridos, Tio Carmo, Mamãe, Vovô Nenê (*in memoriam*), Clotilde e Maria Eduarda - Duda (*in memoriam*), fiéis apoiadores de minha carreira, protagonistas na minha vida, que me ensinaram sobre a importância da Fé, do Amor, do Diálogo, da firmeza de Propósitos e, sobretudo, da compreensão de que acreditar em Deus e no Ser Humano é trilhar um caminho seguro para enfrentar com serenidade e sabedoria os desafios que se apresentam no percurso da nossa existência, em vista da realização de Sonhos e Projetos de Vida.

## CAPÍTULO XI

# **A mobilidade de estrangeiros como desafio/ferramenta à Internacionalização em Casa - IAH: Desafios e Perspectivas da Internacionalização das Universidades Brasileiras**

Pricila Kohls dos Santos<sup>36</sup>

Marília Costa Morosini<sup>37</sup>

A internacionalização está no cerne das Instituições de Educação Superior (IES), principalmente aquelas denominadas Universidades, que são aquelas que têm em sua essência a pesquisa como um meio de também desenvolver e realizar a oferta de educação de qualidade. Muito impulsionada pelos organismos multilaterais, tais como OCDE, Banco Mundial, Unesco, etc., a internacionalização pode ser definida como qualquer atividade, seja esta de cunho teórico ou prático, que tenha por objetivo responder aos desafios das demandas do mundo globalizado, desde o ponto de vista econômico até o social, ou seja, uma educação que atenda aos parâmetros internacionais para educação superior.

As políticas globais expandiram e fortificaram a internacionalização da educação e esta, por sua vez, tem impactado em sistemas nacionais que se tornam legítimos ao demonstrar com transparência a qualidade do ensino que fez

---

36 Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Católica de Brasília. E-mail: pricila.kohls@gmail.com

37 Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS. E-mail: marilia.morosini@puccrs.br

emergir o processo da internacionalização. No Brasil, neste movimento, a internacionalização ganha destaque com a expansão acelerada da educação superior refletida em políticas governamentais e em consequente implantação de Programas que buscam de forma ampla a democratização via acesso à educação superior (RISTOFF, 2008).

A internacionalização da educação superior é tema recorrente, nos últimos anos, nas métricas de qualidade, principalmente na pós-graduação brasileira. As Universidades têm buscado diferentes iniciativas de internacionalização com vistas à excelência acadêmica e ao reconhecimento internacional.

Nesse sentido, uma das iniciativas mais presentes em relação à internacionalização ainda está na mobilidade estudantil. Porém, a internacionalização universitária apresenta diferentes conceituações, como a definida por Knight (2004), que apresenta a internacionalização como qualquer atividade (teórico-prática) sistemática que tem como objetivo tornar a Educação Superior mais respondente às exigências e desafios relacionados à globalização da sociedade, da economia e do mercado de trabalho.

No processo de internacionalização se destacam as perspectivas de mobilidade acadêmica, que, via de regra, vem ocorrendo na direção Norte-Norte (entre países desenvolvidos) e Sul-Norte (entre países subdesenvolvidos buscando o conhecimento nos países desenvolvidos do Norte). De forma mais recente, é importante ressaltar a mobilidade Sul-Sul, que caracteriza os intercâmbios entre continentes/países em desenvolvimento, tais como, América Latina, África, Países de Língua Portuguesa e outros. Esses intercâmbios não deixam de refletir as recomendações da Unesco, que, na última conferência mundial de educação superior, em 2009, colocou seu olhar entre um dos três principais pontos merecedores de destaque, a solidariedade de desenvolvimento da África. Sendo que neste processo estão as Instituições de Educação Superior que, tal como destacado por Bawden (2013), neste contexto precisam assumir o fato de que são, acima de tudo, agências de desenvolvimento humano e social.

Segundo informações divulgadas no site da Agência Brasileira de Cooperação (ABC), o Brasil coordenou 236 projetos e atividades pontuais de cooperação técnica Sul-Sul nas áreas de agricultura, formação profissional, educação, justiça, esporte, saúde, meio ambiente, tecnologia da informação, prevenção de acidente de trabalho, desenvolvimento urbano, biocombustível, transporte aéreo e turismo. Destes projetos, 91 envolvem a área da Educação em diferentes níveis de ensino. Desta feita, no Brasil, merece destaque o Programa de Estudantes-Convênio (PEC), criado em 1965 por meio do Decreto n. 55.613, que é um Programa fruto de parceria entre a Coordenação de Aperfeiçoamento

de Pessoal de Nível Superior (Capes), o Ministério das Relações Exteriores (MRE) por intermédio da Divisão de Temas Educacionais (DCE) e Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

Assim, o presente texto tem por objetivo discutir a internacionalização a partir da mobilidade de estudantes estrangeiros em universidades brasileiras e como aproveitar o potencial desta mobilidade acadêmica para realizar a internacionalização em casa dos estudantes brasileiros.

## Internacionalização da Educação Superior

A internacionalização da educação superior está na pauta dos governos e das instituições de educação superior, porém, embora muito se tenha falado sobre este tema, as iniciativas de internacionalização das universidades brasileiras ainda vivem um período embrionário, um período de despertar quando se aborda a internacionalização para além da mobilidade estudantil.

Em relação ao conceito, podemos destacar da literatura a compreensão de Knight (2003, 2010), segundo à qual a “Internacionalização em nível nacional, setorial e institucional é definida como o processo no qual se integra uma dimensão internacional, intercultural ou global nos propósitos, funções e oferta de educação pós-secundária” (KNIGHT, 2003, p. 2).

[...] para alguns, significa uma série de atividades, tais como: a mobilidade acadêmica de estudantes e de professores, redes internacionais, associações e projetos, novos programas acadêmicos e iniciativas de investigação. Para outros, significa a transmissão da educação a outros países através das novas disposições, como sucursais ou franquias de universidades, usando uma variedade de técnicas presenciais e a distância. Para muitos, significa a inclusão de uma dimensão internacional, intercultural e/ou global dentro do currículo e o processo de ensino-aprendizagem. E, outros, concebem a internacionalização como centros regionais de educação, hotspots, redes de conhecimento. Os projetos de desenvolvimento internacionais são percebidos tradicionalmente como parte da internacionalização e, mais recentemente, o aumento na ênfase no comércio da educação superior também está sendo visto como internacionalização. (KNIGHT, 2010, p. 1).

De acordo com Morosini,

A internacionalização da educação superior pode ser analisada em diferentes planos, tais como o plano do sistema de educação superior e o plano da instituição universitária. Em termos de compreensão da internacionalização da educação, esses planos estão interconectados porque as instituições estão alocadas em um país, no caso do Brasil, que regula, avalia e supervisiona a educação superior. (MOROSINI, 2011, p. 2).

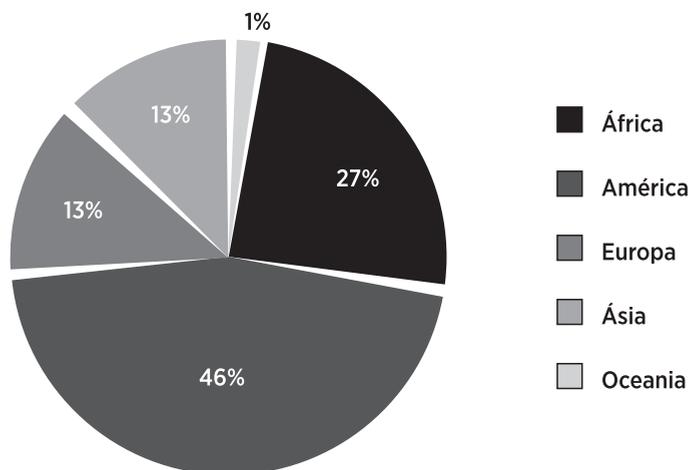
Em linhas gerais, o processo das instituições de educação superior que abrangem a internacionalização caracterizou-se pela mobilidade estudantil e acadêmica, que ocorreu principalmente no cenário Norte-Norte. No entanto, algumas mudanças ocorreram mais recentemente, já que a mobilidade Sul-Sul tornou-se parte integrante do processo de internacionalização e a mobilidade estudantil e acadêmica entre as economias emergentes, por exemplo, na América Latina, entre os países de língua portuguesa na África e no Brasil (PALOPS).

No Brasil, por muitos anos se trabalhou a internacionalização da educação superior somente via mobilidade acadêmica frente às demandas do mundo globalizado e também políticas e governamentais. As instituições de ensino superior têm buscado outras formas ou outras maneiras de se trabalhar a internacionalização da educação superior não somente via mobilidade acadêmica, seja convidando pessoas de outros países para promover workshops, palestras realizadas em disciplinas ou cursos de curta duração, seja na recepção de estudantes de outros países ou outros continentes e também pela utilização de bibliografia estrangeira, de materiais escritos em outro idioma. Além de, na graduação e na pós-graduação, disciplinas ministradas em outros idiomas, ainda assim, é importante se pensar também na possibilidade de se realizar a internacionalização por meio das tecnologias digitais que estão aí para nos auxiliar a encurtar distâncias e possibilitar o conhecimento, a descoberta de outras culturas, outros lugares, outros espaços mesmo sem a visita física, ou seja, mesmo sem sair do país de origem.

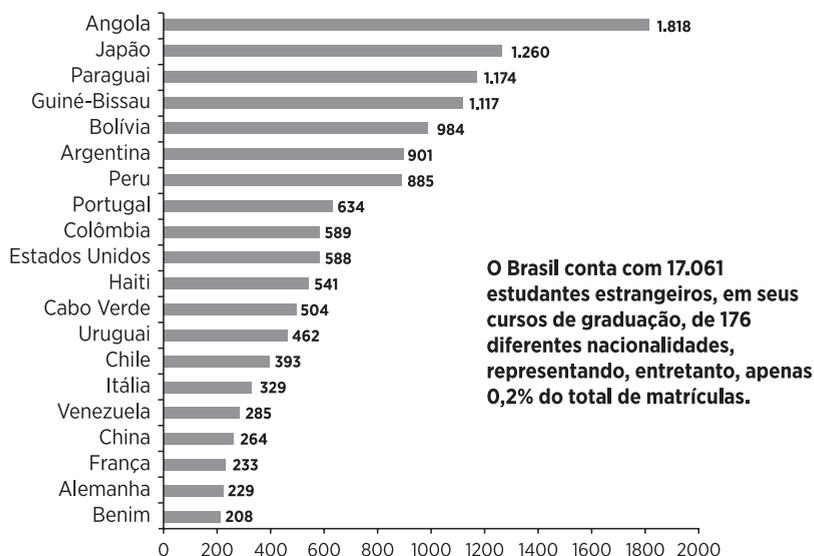
De acordo com os dados recentes publicados no Censo da Educação Superior de 2018/2019, o Brasil possui 17.061 estudantes estrangeiros no país, sendo que sua maioria é oriunda de países do Global Sul, como pode ser observado na figura 11.1.

**Figura 11.1** – Internacionalização da educação no Brasil em 2018

**Percentual de matrículas de estudantes estrangeiros, em cursos de graduação, por continente de origem do estudante – Brasil 2018**



**Os 20 países com maior número de matrículas em cursos de graduação – Brasil 2018**



Fonte: Inep/Censo da Educação Superior (BRASIL, 2019, p. 59).

No panorama internacional, principalmente no Reino Unido e na Austrália, os estudos mais recentes sobre internacionalização da educação superior (LEASK, 2013; CLIFORD, 2014; ROBSON, 2011) têm tido como foco as estratégias que a instituição universitária, em todos os níveis, deve desenvolver para colocar em prática projetos de internacionalização.

Nesse sentido, duas abordagens, para além da mobilidade acadêmica, são importantes de serem esclarecidas, a saber:

- a) Internacionalização *at Home* (IaH) – “Qualquer atividade acadêmica relacionada internacionalmente com exceção da mobilidade estudantil e docente” (CROWTHER *et al.*, 2000, p. 8); b) Internacionalização do Currículo (IoC) – desenvolvimento de experiências internacionalizadas para todos os estudantes através de iniciativas curriculares formais e/ou informais (LEASK, 2009, p. 21).

De acordo com Abdi, Schultz, Pillay (2015, p. 1),

Felizmente, está ficando cada vez mais claro que os principais benefícios da globalização do ensino superior não são financeiros (por mais valiosos que sejam), mas intelectuais e culturais. A reunião de pessoas de diferentes partes do mundo para estudar tem o potencial de formar comunidades globais criativas que aprendem a interagir e colaborar de maneiras novas e antes incompreensíveis. Esse é o dinamismo da vida na “aldeia global”.

Estas comunidades que podem ser criadas a partir da internacionalização do ensino, podem também potencializar o desenvolvimento de competências interculturais, tão preconizadas nos dias atuais, pois levam em consideração não apenas o conhecimento, atitudes e habilidades, mas também a autonomia, compreensão e consciência, como explorado no diagrama 11.1.

**Diagrama 11.1** – Desenvolvimento de competências interculturais



Fonte: Leask *et al.* (2008).

## Caminhos metodológicos

O presente estudo tem por objetivo analisar a experiência de internacionalização Sul-Sul em uma instituição comunitária do Sul do Brasil, levando em consideração a perspectiva estudantil em relação à qualidade da educação ofertada e à escolha do Brasil para realização da mobilidade acadêmica. Assim, esta investigação caracteriza-se pela abordagem qualitativa, fazendo uso do estudo de caso exploratório a fim de conhecer diferentes perspectivas relacionadas à internacionalização da educação superior (QUIVY; VAN CAMPENHOUDT, 2013). Para coleta dos dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com estudantes da referida universidade. A análise dos dados se pauta nos princípios da análise textual discursiva (MORAES; GALIAZZI, 2007).

A base empírica deste texto são estudantes africanos e latino-americanos, com os quais foi realizada uma pesquisa por meio de entrevistas semiestruturadas buscando verificar:



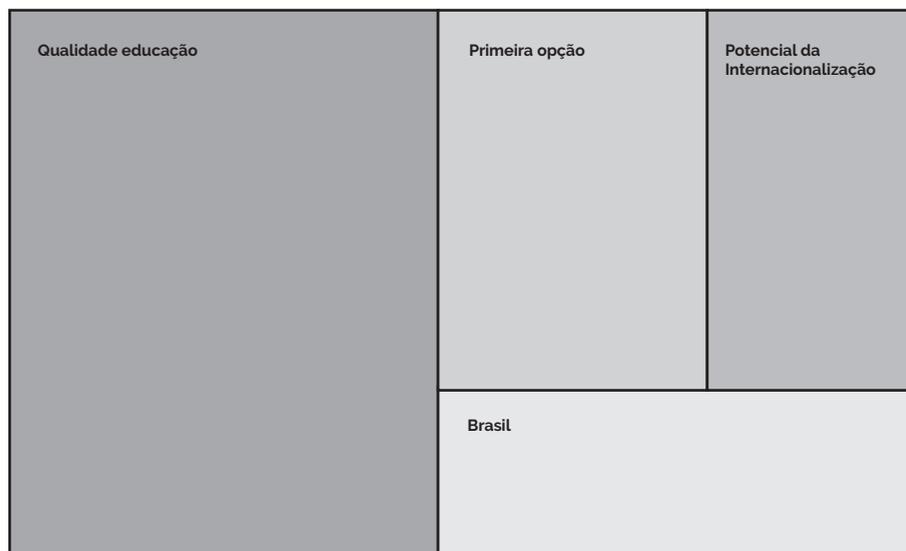
A partir desta exploração inicial, apresentamos a voz dos estudantes em relação à escolha do Brasil como país para realizar a formação acadêmica e a qualidade da educação da educação ofertada.

## Resultados: a voz dos estudantes estrangeiros

Quando analisadas as falas dos estudantes estrangeiros em relação às categorias de escolha do país para estudo e qualidade da educação ofertada, é possível perceber que todos os estudantes salientam a qualidade da educação como um ponto importante a ser considerado. Ainda assim, dois dos estudantes apontam como ponto importante da experiência o seu potencial para o desenvolvimento das nações e a internacionalização como uma opção para qualificação pessoal e profissional dos estudantes estrangeiros, mas também uma oportunidade para os estudantes nativos desenvolverem competências interculturais ao conhecerem e se relacionarem com estudantes de outros países.

Dos aspectos apresentados pelos entrevistados, a questão da qualidade da educação brasileira foi um dos pontos mais enfatizado, como pode ser observado no gráfico 11.1.

**Gráfico 11.1** – Gráfico de Hierarquia das Categorias



Fonte: Elaboração das autoras.

A menção à qualidade da educação superior brasileira pode ser comprovada nas falas de alguns estudantes entrevistados:

Eu estou na Universidade, tenho acesso a uma biblioteca extraordinária, tenho tudo em termos de, quase tudo, tenho acesso aos melhores professores de educação do Brasil, é só ver as publicações desses professores. O tempo todo, esses professores e professoras, estão muito dispostos em ajudar, toda hora recebo apoio desses professores, para assuntos pessoais e acadêmicos. (Estudante 7).

É claro que o Brasil comparado com o meu país, já fiz estudo comparativo (risos), as oportunidades aqui são imensas comparado com o meu país. Só para dar um exemplo muito claro, aqui milhares de pessoas fazem o estudo totalmente gratuito, na minha terra toda a gente paga propina, toda a gente paga mensalidade, seja no ensino público ou privado. A diferença é que no ensino público tu paga menos. [...] Então o Brasil tem milhares de oportunidades e o Brasil está se consolidado e tem muito a oferecer. (Estudante 11).

Eu gostaria de destacar somente do ponto de vista acadêmico... eu na experiência que estou tendo aqui pela forma de que o incentivo aos estudos aqui no Brasil... e pela forma como a todo um conjunto de recompensas que o pesquisador consegue ganhar para sua vida privada, mas também para sua vida profissional, eu acredito que isso vai me ajudar na maneira e no meu contexto em Cabo Verde. (Estudante 5).

Ao analisar as experiências relatadas pelos participantes é importante que os docentes tenham o foco no estudante como aprendiz, com respeito à diversidade, providenciando contextos e informações específicas, possibilitando o entendimento e o engajamento intercultural, respondendo às evidências e preparando estudantes para a vida num mundo globalizado (LEASK, 2013). Por meio da análise dos dados, também se fez evidente a necessidade de formação docente para turmas culturalmente diversas e a construção de um espaço nas universidades que auxilie diretamente os estudantes estrangeiros durante seu tempo de mobilidade acadêmica. Outro ponto importante é também auxiliar na integração dos estudantes estrangeiros com os nativos, para que todos possam aprender e valorizar este processo de internacionalização, pois o conhecimento pode ser construído e ampliado para diferentes contextos tornando essa uma formação internacional tanto para os estudantes estrangeiros quanto para os brasileiros.

Essa qualidade também pode ser notada quando os estudantes falam sobre o seu retorno ao país de origem e a contribuição para o seu país.

[...] Porque até tipo um dos princípios do programa, é tu se formar em um país desenvolvido, o Brasil, e voltar pro nosso país, e contribuir com ele também. Então eu acho que Relações Públicas lá [Peru] pelo menos não é tão forte, então eu acho que vai ser bem desafiante, abrir mercado pra mim mesmo, mas eu acho também que vai ser gratificante para o mercado, para outros profissionais de lá também. (Estudante 12).

Outra estudante relata que

[...]o Brasil no quesito jornalismo é mundialmente conhecido. Então vir pra IES, que tá entre as 100 melhores faculdades do mundo e pelo jornalismo na Famecos estar entre os melhores no quesito jornalismo, no quesito comunicação em si já é melhor, meu currículo já está... meu diploma já tá valendo. (Estudante 9).

Numa das falas podemos depreender que alguns estudantes estrangeiros entendem que todos os envolvidos têm a ganhar com o processo de internacionalização. Mesmo os estudantes do país que recebe o estrangeiro podem ganhar com essa recepção e ampliar seus conhecimentos, aprender a valorizar as diferenças e a construção coletiva do conhecimento.

Acho que talvez é a questão de aproveitar melhor as culturas dos outros países, por exemplo o fato que eu ganho com vocês, conhecendo a cultura de vocês eu me enriqueço, e vocês também deveriam se enriquecer com aquilo pouco que eu trago pra vocês, e eu acho que isso ainda não é tão explorado. (Estudante 2).

A IES tem um contato sim com os alunos intercambistas, mas eu acho que também deveriam englobar todos os estrangeiros, mesmo não sendo PEC-G, porque têm vários ali estrangeiros que os pais enviaram e que estão aqui no Brasil, mas nenhum deles carrega essa cultura. Então isso eu acho que até para os estudantes brasileiros enriqueceria a educação. [...] Quando a gente se conhecer de verdade, a gente vai se juntar como continente, porque pra ser como a União Europeia, a gente tem tudo, tem recursos naturais, tem tudo pra ser uma potência assim, continente potencial. Acho que é fundamental se conhecer primeiro, e não brigar entre nós. (Estudante 10).

Eu aprendi com erros, eu passei por experiências não tão positivas e isso me fez crescer e aprender e passei por experiências muito boas que me ajudaram também a crescer sabe, a própria universidade tu acaba adquirindo muito, muito conhecimento, tu acaba conhecendo pessoas de vários países aqui mesmo conheci gente da China, do Japão, da Coreia do Sul, sabe, dos Estados Unidos, da França, vários países, mexicanos e equatorianos sabe é muita gente, culturas novas, tu aprende muita coisa é uma troca cultural muito forte, então isso acaba sendo muito positivo sabe tudo isso é uma experiência de vida, quando eu voltar para Cabo Verde eu vou ter muito para oferecer para os que ficaram sabe, então valeu. (Estudante 7).

A universidade muito boa e eu sei que vou me virar bem seja onde for que eu vou trabalhar depois. [...] o intercâmbio no Brasil de alunos da América Latina pode contribuir para a integração da América Latina porque algumas pessoas que eu conheci aqui, bom acho que a maioria nem sabe onde fica a Venezuela e o que eles sabem é o que todo mundo sabe né, sobre a política, o Chávez e está muito ruim enfim... mas ver de perto de um ponto de vista de um venezuelano falando, eu acho bom porque as pessoas se abrem mais sabe, não ficam mais fechadas em alguma coisa [...] e podem aprender de verdade sobre outra realidade. (Estudante 1).

## Algumas reflexões

A internacionalização em casa surge como uma possibilidade de se trabalhar a questão da internacionalização para além da mobilidade acadêmica, principalmente a realidade dos países do Global Sul. Realizar uma mobilidade acadêmica por vezes se torna oneroso e difícil em função de custos de tempo em razão do perfil dos estudantes, que muitas vezes são estudantes trabalhadores e não podem ausentar-se dos seus compromissos laborais. Além disso, é também uma oportunidade de se trabalhar as diferentes culturas dentro do campus. Há um potencial na internacionalização em casa que vai além do conteúdo propriamente dito; é uma possibilidade de construção do conhecimento compartilhada a partir de diferentes visões e vivências de mundo, ou seja, contribui também para nova estrutura dos câmpus universitários em contextos emergentes.

Esta é uma oportunidade de construirmos a visão para os estudantes brasileiros de que a educação superior no Brasil é de qualidade e que nós esta-

mos sendo buscados como uma possibilidade de formação não só pela América Latina, como também pelo continente africano, e por estudantes de outros países ou até mesmo do Global Norte que estão vindo até o Brasil em busca de capacitação, formação e, além disso, buscando essa interlocução das diferentes culturas e o desenvolvimento das competências interculturais.

Nesta seara vemos um grande potencial a ser explorado pelas universidades brasileiras, a presença de estudantes estrangeiros com vistas ao desenvolvimento da internacionalização em casa. Nesse sentido, todos os envolvidos com a educação dos nossos estudantes precisam estar atentos a esse potencial, e se não estão, cabe à gestão da instituição, por meio dos escritórios de internacionalização e mobilidade, da coordenação dos cursos, fomentar o diálogo sobre a importância de se aproveitar a presença destes estudantes na instituição para oportunizar aos estudantes brasileiros o conhecimento de diferentes realidades e contextos, para que possam fomentar o desenvolvimento das competências interculturais como parte do processo de formação universitária.

## Referências

ABDI, A.; SCHULTZ, L.; PILLAY, Thashika. *Decolonising Global Citizenship Education*. Rotterdam: Sense Publishers, 2015.

BAWDEN, Richard. O objetivo educador da educação superior para o desenvolvimento humano e social no contexto da globalização. In: GUNI. *Educação superior em um tempo de transformação: novas dinâmicas para a responsabilidade*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2013.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). *Censo da Educação Superior 2018: notas estatísticas*. Brasília, 2019. Disponível em: [http://download.inep.gov.br/educacao\\_superior/censo\\_superior/documentos/2019/censo\\_da\\_educacao\\_superior\\_2018-notas\\_estatisticas.pdf](http://download.inep.gov.br/educacao_superior/censo_superior/documentos/2019/censo_da_educacao_superior_2018-notas_estatisticas.pdf). Acesso em: 18 maio 2020.

CLIFFORD, Valerie. Transformative Learning Through Internationalization of the Curriculum in Higher Education. *Journal of Transformative Education* 01/2014; v. 13, n. 1: p. 46-64. DOI: 10.1177/1541344614560909

CROWTHER, Paul *et al.* *Internationalisation at Home*. A position paper. European Association for International Education (EAIE), 2000.

KNIGHT, Jane. Updating the definition of internationalization. *International Higher Education*, Chestnut Hill, v. 33, n. 3, p. 2-3, 2003.

KNIGHT, Jane. An internationalization model: Responding to new realities and challenges. In: DE WIT, Hans *et al.* *Internationalization of Higher Education in Latin America: The International Dimension*. Washington: World Bank, 2004.

KNIGHT, Jane. Internationalisation: Key concepts and Elements. In: EUROPEAN UNIVERSITY ASSOCIATION. *Internationalisation of European Higher Education*. Berlin: Raabe, 2010.

LEASK, Betty. Using formal and informal curricula to improve interactions between home and international students. *Journal of studies in international education*, v. 13, n. 2, p. 205-221, 2009.

LEASK, Betty. Internationalizing the curriculum in the disciplines: imagining new possibilities. *Journal of studies in international education*, XX(X), p.1-16, 2013.

MORAES, Roque; GALIAZZI, Maria do C. *Análise textual discursiva*. Ijuí, RS: Ed. Unijuí, 2007.

MOROSINI, Marília C. Internacionalização na produção de conhecimento em IES Brasileiras: cooperação internacional tradicional e cooperação internacional horizontal. *Educ. rev.* [online]. 2011, v. 27, n. 1, p. 93-112. ISSN 0102-4698. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982011000100005>

QUIVY, Raymond; VAN CAMPENHOUDT, Luc. *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva, 2013.

RISTOFF, Dilvo I. *Universidade em foco: reflexões sobre a educação superior*. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2008.

ROBSON, Sue. Internationalization: a transformative agenda for higher education? *Teachers and teaching: theory and practice*. v. 17, n. 6, December 2011, p. 619-630.